

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Processos organizativos do trabalho nas calçadas da Avenida Paulista: Aproximações etnográficas

Leonardo Araújo Lima¹

Carla Renata Braga de Souza²

1. Introdução

Definir o que é e quais são as características da informalidade, dito a respeito daqueles que atuam fora das normas regulatórias do Estado, não é tarefa fácil. A heterogeneidade das práticas de trabalho inclusas neste campo, a diversidade de atores e setores envolvidos, seus diferentes contextos, objetivos e consequências, dificultam uma abordagem unificada dentre os pesquisadores que se lançam neste desafio. Dessa forma, é possível encontrar estudos sobre informalidade em diferentes áreas do saber como: Antropologia, Direito, Economia, Psicologia, Sociologia, dentre outras.

Em relatório recentemente publicado pela *International Labor Organization* (ILO, 2018), mais de 60% da população economicamente ativa mundial está atuando em condições de informalidade. Este levantamento, realizado junto aos cem países que

¹ Doutorando no Programa de Psicologia Social do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP), mestre em gestão de políticas públicas. Psicólogo, docente e pesquisador em ciências do trabalho no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATOLICA). E-mail: lalima@usp.br

² Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Psicanalista, docente e pesquisadora em saúde mental, infância, adolescência e psicanálise no Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATOLICA). E-mail: carlarenatabs@gmail.com

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

encaminharam dados para o estudo, considera que cerca de dois bilhões de pessoas no mundo estão privadas de condições para um trabalho decente, atividades cotidianas que funcionam à margem das regulamentações estatais de direitos trabalhistas. Nestas situações incluem-se indivíduos em zonas de vulnerabilidades (política, econômica e social), os quais atuam com diversos riscos à segurança e à saúde pessoal e familiar.

O problema do elevadíssimo contingente de trabalhadores que atuam na informalidade justifica a necessidade de pesquisas sobre a realidade prática na qual os setores populares resolvem a sua sobrevivência, ou seja, acerca das condições concretas e interacionais de como a “economia popular” (GIRALDO, 2017) se reproduz e mantém laços de sociabilidade.

Neste âmbito, observa-se contínua tensão política entre as pessoas que precisam desta inserção para sobreviver e as políticas públicas estatais, as quais comumente os direcionam ações de controle e segurança devido ao “perigo” que tais padrões de trabalho possam trazer para a especulação imobiliária de espaços públicos ou para competitividade do mercado de trabalho formal (fontes de arrecadação por tributos). O Estado, oficialmente, não pode negociar com quem está à margem da Lei e o fato de “não reconhecer a estrutura complexa e desconhecida da economia popular contribui para disseminação de processos de trabalho em condições precárias” (GIRALDO, 2017, p.15), sem nenhuma proteção social e que abalam a saúde e a dignidade destes trabalhadores.

O objetivo do presente estudo consiste em compreender alguns processos organizativos que envolvem o trabalho informal ou, como Castel (2010) define a partir de aspectos relacionados à desfiliação para com a sociedade salarial, as “relações aleatórias de trabalho” (p.64).

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A plasticidade adaptativa no exercício laboral de trabalhadores informais, consiste para nós em um singular objeto de estudo sobre as possibilidades da ação transformadora humana. Para tanto, escolhemos experienciar o cotidiano de trabalhadores informais em um cenário específico, a Avenida Paulista. Este território paulistano foi escolhido porque nele se observa evidentes contradições entre a ordem dominante do poder econômico reproduzido dentro dos edifícios e a perspicácia de sobrevivência daqueles atuam sem normas rígidas nas calçadas.

A questão norteadora para as observações realizadas perscruta a organização processual desta dita “informalidade” neste território. Será que existem algumas lógicas na composição estrutural e funcional para o trabalho nas calçadas da Avenida Paulista? Descrever aspectos operacionais da “ação enquanto forma de movimento” (Spink, 1989, p.1) nos permitiria compreender algumas regularidades estruturais e funcionais na organização do trabalho neste contexto?

2. Metodologia

Ao longo dos 2,8 quilômetros da Avenida Paulista, estendem-se ambientes que desafiam e motivam pessoas ao fazer pragmático, balizado pelas necessidades e pela criatividade. Em específico, interessa-nos neste território a aproximação com as mediações concretas e simbólicas implicadas no comércio e serviços que acontecem no ambiente externo aos edifícios.

Ambos os autores fizeram visitas constantes ao território da Avenida Paulista, este conhecido cartão postal da cidade, bem como lugar de reivindicação popular e reafirmação de direitos. Esta última referência, mostra o paradoxo imbuído neste espaço de São Paulo: se por um lado as pessoas se fazem presentes para buscar direitos, outras estão lá mostrando sua existência, justamente por estar à margem deste. Já são dezoito meses – de janeiro de 2018 a julho de 2019 – que as visitas semanais ocorrem. As observações

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

apresentadas neste artigo são uma síntese do material coletado e das reflexões teóricas desenvolvidas até o momento.

O trajeto realizado na Avenida Paulista é percorrido todo por uma calçada e voltando pela outra, tendo sempre em mãos um bloco de anotações no qual para registro, primeiramente, a quantidade, os tipos de comércio e serviços oferecidos, além de mais algumas observações quanto ao sexo, idade e as origens dos trabalhadores que lá atuam. Neste mesmo diário de campo são registradas ainda asserções obtidas a partir dos diálogos estabelecidos com estas pessoas. Tais diálogos não obedeceram a um método ou roteiro específico. Apenas são escolhidas diferentes situações que envolvem comércio ou serviços, em seguida é iniciada uma conversa habitual sobre os produtos ou ofício que estão oferecendo. Depois, é informado o interesse em compreender melhor o trabalho deles e, se for de seu consentimento, algumas informações adicionais como, por exemplo: o tempo que estão atuando na avenida, sobre como produzem seus artigos, dificuldades que enfrentam, como e com quem se associavam, dentre outros assuntos que tergiversavam segundo o relato dos trabalhadores.

O enfoque metodológico deste estudo prioriza as interações tal como ocorrem em contextos locais, propiciando aproximações com os métodos etnográficos da antropologia. Não se trata, então, de pesquisar o cotidiano, mas sim no cotidiano; no fluxo dos acontecimentos. Neste sentido, é relevante considerar aquilo que Mary Jane Spink (2007) discorre sobre o conhecimento a partir da experiência vivida do pesquisador em campo, da não separação entre pesquisador e o seu objeto de pesquisa.

3. Resultados

Ao caminhar pelas calçadas da avenida, a participação em sucessivas experiências provoca ora de reconhecimento, ora de estranhamento, já que as atividades das pessoas nos diferentes espaços observados parecem assumir alguns padrões buscados pelos

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

pesquisadores para identificar e interpretar seus aspectos. O intenso e permanente fluxo de gente se aproxima daquilo que Agier (2015) pensa sobre as zonas de transição, uma heterogênea confluência entre pessoas e lugares onde quase nada é permanente. Indivíduos movimentam-se e os cenários modificam-se, variando em horário, dias da semana e meses do ano observados.

O fato de ser uma região com intensa movimentação de trabalhadores, clientes e visitantes que entram nos belos edifícios (bancos, shoppings e sedes de empresas), implica que as calçadas da avenida transformam-se em áreas de possíveis interações entre desconhecidos, favorecendo assim a concentração de vendedores de artesanato, alimentos, artigos eletrônicos e muitas outras variáveis de produtos. Há ainda aqueles que prestam serviços de rápida realização (engraxates, manutenção de celular, artistas, divulgadores, etc).

A experiência de pesquisa neste território aos poucos foi elucidando alguns conhecimentos sobre as rotinas destes trabalhadores autônomos. Para o momento, destacamos três tópicos: a disposição dos trabalhadores nas calçadas da avenida; as ações para fomentar vendas; por fim, algumas asserções sobre as trajetórias e redes de convivência destes trabalhadores. Passemos a descrevê-las com mais detalhes.

3.1 Disposição nas calçadas da avenida

O posicionamento geográfico da Avenida Paulista (próximo à direção leste-oeste) favorece que durante quase todo o dia não haja sombras dos prédios refletidas nas calçadas. Sendo assim, algumas poucas sombras também suscitam aglomeração de trabalhadores informais (vizinho às bancas de revista ou embaixo de árvores). Mas, de forma geral, tal critério não parece ser um item priorizado no momento de escolher o local de fixação. “Precisamos ficar onde os compradores passam”, afirmou uma comerciante de artigos de prata. Interessante também foi perceber que geralmente não

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

há vendedores de produtos ou serviços nas calçadas em frente aos espaços públicos da avenida, como museus e praças. Esse posicionamento não é permitido por regulamentação que só nos foi dado conhecimento posteriormente.

Sobre a distribuição espacial dos trabalhadores nas calçadas da avenida, observou-se que, comumente, as regiões de concentração prioritárias são em frente às agências bancárias e *shoppings*, próximos às estações de metrô e vizinhos às bancas de revistas. As escolhas dos locais onde se fixam foi o primeiro objetivo de compreensão, ressaltase que os lugares nas calçadas da Avenida Paulista se apresentam como zonas de transição, nas quais temporalidades, espacialidades e universos sociais distintos se entrecruzam, dando abertura para múltiplos arranjos organizativos de pessoas que atuam profissionalmente neste território.

Identifica-se, facilmente, que a concentração de trabalhadores é bem mais densa no lado norte da avenida, principalmente entre a Rua Augusta e a Alameda Ministro Rocha de Azevedo. Nas duas quadras que separam estas ruas, comumente se concentram quase a metade do número de trabalhadores informais contabilizados³ em todos os dias de visitas. É uma área com muitas agências de bancos, estação de metrô e onde fica o edifício comercial mais antigo da avenida, o Conjunto Nacional, inaugurado 1956.

Outra característica facilmente identificável é que durante o turno da tarde o lado norte da avenida é mais movimentado e cheio de artesãos e demais trabalhos. Já durante a noite é no lado sul que se concentra maior movimentação de pessoas em bares e restaurantes, acarretando uma disposição de músicos em frente a estes estabelecimentos. Estes, sem contar com algum *couvert* artístico, interpretam canções (com seus próprios instrumentos e equipamentos de som) que animam as conversas e os brindes dentro dos

³ Durante os dias de observação foram contabilizados a quantidade, tipos de comércio e serviços oferecidos, sexo e algumas noções sobre idade e nacionalidade dos trabalhadores observados.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

restaurantes. Os clientes às vezes lhes retribuem gorjetas durante a saída. A concentração de pessoas nestes espaços também favorece a oferta de serviços de manutenção para *smartphones*.

Ainda no objetivo de compreender a organização espacial dos trabalhadores informais nas calçadas da avenida, questiona-se sobre possíveis regras na forma como estes se agregam. Após alguns diálogos, foi percebido que existem historicamente conflitos entre os artesãos (que vendem objetos manufaturados) e os camelôs (que vendem produtos industrializados). As diferenças na forma como as pessoas referem-se ao trabalho dos outros trabalhadores na avenida, em alguns momentos com respeito e noutras com desdém, faz-nos considerar a existência de fronteiras simbólicas (ARANTES, 1994) que marcam de historicidades a coexistência de diferentes trabalhadores nos espaços da calçada. Fronteiras estas apenas superficialmente acessadas durante as incursões etnográficas da pesquisa.

Com o cuidado de não generalizar as observações realizadas, os diálogos com os comerciantes entrevistados conjecturam existir uma norma a qual todos obedecem para evitar conflitos: não haver os mesmos tipos de produtos sendo vendidos no mesmo aglomerado de trabalhadores. Nos diálogos é evidenciado que também não é encarado como positivo, principalmente para os camelôs, que haja mais do que cinco bancas de comercialização juntas. A concentração de muitos vendedores juntos termina por “tirar a atenção dos clientes que passam, sem perceber o que estou oferecendo”, respondeu o jovem, dinâmico e comunicativo, que vendia artigos para fumantes.

3.2 Ações para fomentar as vendas

Passemos agora às observações sobre a atividade prática dos trabalhadores para fomentar a venda de seus produtos e serviços. De início pareceu curioso que houvesse pouca variação operacional para além da exposição em bancadas (conforme a

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

regulamentação⁴ da prefeitura exige) ou em toalhas estendidas no chão. No entanto, ao se deter por período mais prolongado em determinados pontos de vendas, é possível observar a frequente atitude dos expositores em convidar os pedestres para apreciar os seus produtos. Anunciando a qualidade e os valores para as pessoas que se detém algum tempo no seu ponto de venda, tanto os artesãos como os camelôs utilizam do menor que seja o interesse dos compradores em potencial para apresentar a diversidade de seus produtos. Enaltecendo de maneira variável aspectos como a beleza, as peculiaridades da matéria-prima, a utilidade ou mesmo a quantidade de tempo que demandou para produzir tais itens, os comerciantes usam da eloquência uma grande aliada para manter a atenção dos clientes.

É admirável a agilidade verbal dessas pessoas ao aproveitar o curto espaço de tempo que dispõem para conseguir efetivar alguma venda. Existe, é verdade, uma espécie de roteiro que se repete em todas as abordagens. As chances de convencimento passam também pela simpatia, por vezes elogiando alguma característica visual ou das cidades origens daqueles ali estão na sua frente. É curioso, e para mim fonte de aprendizado, observar as investidas dos comerciantes ao fazer largo uso de técnicas para criar alguma ligação de sintonia e empatia. Quando o cliente é realmente resistente aos convencimentos, a derradeira tentativa às vezes é baixar o preço do item, ou fazer ofertas do tipo “leve três por vinte reais”.

Outro instrumento de venda observados foi a inclusão de um aparelho de som ligado ou um incenso aceso na própria banca de exposição. Ambos são percebidos mesmo à distância e poderiam realmente chamar a atenção de possíveis clientes. Há também uma prática observada e comum nas calçadas, que é a própria produção

⁴ Tais regulamentações estão disponíveis no site da Subsecretaria do Trabalho Artesanal nas Comunidades (Sutaco). Neste ambiente encontra-se a Base Conceitual do Artesanato Paulista e a Lei 13.180, de 22 de outubro de 2015. Tais documentos, no âmbito do Estado de São Paulo, definem o que é artesanato, quem faz artesanato e estabelece normas para o trabalho dos artesãos na cidade.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

artesanal nos mesmos espaços de venda; esse fator não foi propriamente relatado pelos entrevistados como uma ação para vender, mas, particularmente, foi o que mais chamou a atenção sobre a singularidade e os detalhes das peças que estavam expostas, agregando valor ao produto ao transformá-las em peças únicas.

Ao refletir sobre as experiências junto aos sujeitos que estão na Avenida Paulista uma sensibilização é ressaltada relativa à resistência destes trabalhadores frente ao ambiente aversivo em que atuam: expostos ao sol, barulho e fumaça. Sem a segurança que vão conseguir vender seus produtos, os quais são também frequentemente desvalorizados. Trabalhadores pouco reconhecidos, quase sem alguma proteção social, estas pessoas parecem lutar para não perecer frente às desigualdades concretas do poder econômico instituído.

Para pensar as atividades de trabalho nestas circunstâncias considera-se útil refletir tal realidade a partir das contribuições de Certeau (2014) sobre as práticas cotidianas no consumo ativo de produtos culturais. Ao escrever sobre a *invenção do cotidiano* a partir das *artes de fazer* e consumir cultura no contexto francês da década de 1970, o autor nos convida a examinar as *táticas de resistências* pelas quais o homem ordinário, ao mesmo tempo em que se apropria, também cria objetos, condutas e o espaço de vida.

Mesmo que sejam os processos de trabalho, e não especificamente as atividades culturais, que configurem o objeto central deste estudo, as análises de Certeau (2014) são valiosas por envolver “as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias dos praticantes” (p.15). Sendo assim, lançar olhar sobre *performances operacionais* dos comerciantes em questão representa também compreender, por exemplo, seus *esquemas de ação* ao buscar um bom posicionamento na calçada, suas *astúcias* por identificar potenciais clientes, suas *inventividades* para manter a atenção e

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

o interesse da freguesia, ou ainda a *arte de utilizar* os recursos disponíveis para produzir (no caso dos artesãos) e negociar os diversos produtos à venda.

A diversidade nos modos de proceder destes comerciantes também são observadas no campo discursivo-ideológico ao atribuírem múltiplos sentidos às condições ambientais de ação. Nos diálogos estabelecidos, condições como os horários de trabalho, a variabilidade dos ganhos, a exigência por “caçar clientes”, ou as questões climáticas, são diferentemente interpretadas pelos sujeitos. Alguns identificam estas condições como riscos no exercício do trabalho. Para estes, estas condições estão associadas às situações problemas como longas jornadas, concorrência conflituosa, a fiscalização, as chances de furtos, e são mencionadas como prejuízos à saúde e segurança. Porém, para outros entrevistados, tais condições são interpretadas como liberdade de agir, autogestão, possibilidade de emancipação e enriquecimento, satisfação por fazer o que gosta e desenvolvimento das capacidades produtivas.

3.3. Trajetórias e redes de convivência

Mudando o foco de observação dos lugares, produtos e táticas de venda para alguns aspectos relacionados à história de vida e dos agrupamentos de trabalhadores que atuam nas calçadas da Avenida Paulista, indica-se algumas questões iniciais que escapam ao interesse de generalização ou conclusões. Tais proposições mais se assemelham à noção de *asserções* conforme indica Stake (1999) sobre as interpretações qualitativas nos estudos de caso, ou seja, observações imediatas que preservam em seu conteúdo a particularidade de cada caso e os pontos de vistas dos sujeitos envolvidos

Ao realizar uma aproximação destas pessoas foi possível demonstrar o interesse em compreender aspectos mais particulares de seus caminhos profissionais. Sendo assim, nos diálogos estabelecidos sempre buscou-se saber sobre as histórias individuais de trabalho, o que os levou a trabalhar na Avenida Paulista, ou ainda o que os mantém

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

neste território. Foi então que um fato se sobressaiu, os artesãos são aqueles que há mais tempo atuam na Avenida. A maioria dos artesãos entrevistados buscaram regularizar os seus trabalhos mediante credenciamento na Subsecretaria do Trabalho Artesanal nas Comunidades (SUTACO)⁵, a partir do qual são autorizados a ocupar um dos cinquenta postos disponibilizados na avenida⁶. Os demais trabalhadores (camelôs, vendedores de lanche, prestadores de serviços e artistas) atuam também em outros locais na cidade, variando em de acordo com os dias da semana. As entrevistas mais prolongadas foram particularmente elucidativas a respeito das trajetórias de trabalho dos artesãos neste território.

A primeira foi estabelecida com um produtor de artigos manufaturados a partir do “fio de ouro”, uma palha artificial de fina espessura e cor amarelada brilhante. Ele produz diversos tipos de artefatos, desde brincos e colares até cestas e luminárias. Afirmou que é graduado em administração de empresas e está cursando pós-graduação. Já trabalhou dezoito anos com carteira assinada em diferentes empresas. Decidiu em 2007 se dedicar exclusivamente à produção artesanal devido a quantidade de encomendas estarem, na época, aumentando e ele sempre quis ser empresário. Aprendeu a tecer o “fio de ouro” com a mãe e conseguiu registrar-se na SUTACO em 2009. Já atua na Avenida Paulista há sete anos e diz que não pretende mudar de ramo. Vende bem (à vista ou cartão) e possui duas pessoas que trabalham para ele. Uma delas é o seu filho, que também aprendeu a fazer o artesanato, já conseguiu se registrar e também atua na Avenida Paulista, em outro ponto. Sua esposa ajuda nas entregas das encomendas, além de lhes trazer o almoço. Chega às 7 horas da manhã no ponto e sai às

⁵ SUTACO - Órgão do Governo do Estado de São Paulo que registra, autoriza e permite a alocação dos artesãos nas calçadas da Avenida Paulista, dentre outros lugares da cidade.

⁶ Importante considerar que em todos os dias de minha observação no percurso das calçadas, a quantidade contabilizada de trabalhadores informais (comércio e serviços) ultrapassava em quase o triplo do limite de 50 postos disponibilizados.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

17 horas da tarde. Afirma que “apesar de haver um acordo sobre o ponto em que ficamos, é bom chegar cedo para que ninguém te roube o ponto e a clientela”.

O artesão gasta algumas horas do dia sentado em seu ponto, produzindo novos artigos. Possui amigos que também trabalham na Avenida Paulista e reconhece que os artesãos da região buscam se organizar melhor. Disse que existem reuniões na SUTACO e lá são feitas exigências por mais fiscalização e punição daqueles que não são registrados.

Outra entrevista bem elucidativa foi realizada com mãe e filha, juntas, que produzem e vendem miniaturas de móveis domésticos. A mãe já trabalha na Avenida Paulista há treze anos. A filha ficou desempregada há dois anos e foi ajudar a mãe, mas não pode assumir ainda o posto porque não possui o registro de artesã. Escolhem por se fixar em pontos próximos às lojas de artigos femininos. “As mulheres mais velhas são quem compram as nossas coisas”. Afirmam que são pontos pouco disputados e por isso não precisam chegar tão cedo. Mesmo sem participar das reuniões na SUTACO conseguem saber sobre o que acontece devido contato com outros artesãos.

Elas relatam que frequentemente vão para o trabalho, almoçam e voltam para casa juntas a um conjunto de pessoas que moram no mesmo bairro, isso garante a segurança e um melhor preço para se alimentarem. São homens e mulheres que trabalham nas proximidades da avenida com artesanato, serviços de limpeza e venda nas lojas de shopping. Elas afirmam que já venderam melhor, mas que ainda conseguem manter a casa com os ganhos deste trabalho. A mãe reclama de dores nas costas e que já fez tratamento de pele devido a exposição ao sol. A filha não reclama da saúde, mas da falta de educação dos fiscais.

A partir destas e outras trajetórias profissionais com as quais foram estabelecidos contato suscitam três questões que já fazem parte de observações teórico contextuais em

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

estudos de outros pesquisadores sobre a realidade dos trabalhadores informais. São elas: a) existência de formalidades na atuação deste público a partir de normas estabelecidas pelo governo estadual; b) o trabalho informal viabilizando o sustento e sendo reproduzido pela estrutura familiar; e c) a existência das redes de sociabilidade que atribuem algumas proteções para estes trabalhadores.

Sobre a primeira questão, numa apreensão suscinta e direta, pode-se considerar que os processos organizativos dos ditos trabalhadores informais em questão além de possuírem algumas regularidades na disposição espacial e táticas de venda, conforme já tentamos elucidar no texto até o momento, também estão condicionados a um conjunto de normas fixadas pelo Governo do Estado de São Paulo.

Sobre as segunda e terceira questões mencionadas me remeto às considerações de Sato (2017) ao discorrer sobre traços da polimorfia do trabalho em centros urbanos. A autora menciona sobre a relevância de nesses contextos incluir “a família como unidade de análise” (p. 168) e como “as redes de sociabilidade dão sustentação à criação e a manutenção de trabalho não protegido” (p. 166). Sobre a questão familiar, em algumas entrevistas verificam-se que integrantes de uma mesma família se unem para potencializar o trabalho que, além de garantir o sustento financeiro, indica alguma continuidade nas trajetórias profissionais dos filhos. Defende Sato (2017) que, no âmbito dos trabalhos urbanos, os “motivos que forjam trajetórias de trabalho não são, necessariamente, opções individuais, mas um caminho quase natural, dado o contexto familiar e social” (p.168-169).

Indicações nas entrevistas sobre a existência de grupos mais alargados de convivência e proteção trazem à questão da sociabilidade como importante aspecto para compreender os processos organizativos no contexto de trabalho em estudo. Para contribuir nesta reflexão considera-se interessante relatar duas outras realidades

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

percebidas nas calçadas da Avenida Paulista. São grupos específicos de trabalhadores, os quais propõe-se interpretá-los a partir da noção Herzfeld (2014) sobre os *agrupamentos* como “constelações instáveis de sociabilidade” (p. 190). Estes grupos são os imigrantes de venezuelanos e daqueles que se auto denominam como hippies.

Um primeiro grupo de fácil identificação são os artesãos vulgarmente conhecidos como *hippies*. Identificáveis pelo jeito de se vestirem, pelos produtos que produzem e expõem (principalmente sobre toalhas estendidas em frente ao Shopping Center 3). Ao conversar com alguns deles verificaram-se reiteradas cenas de solidariedade, de ajuda mútua durante as refeições e vigilância das bancas enquanto alguns dormiam. Muitos moravam na mesma calçada em que trabalhavam, alocando-se em barracas de camping. Dependiam, portanto, uns dos outros e revelam nesta colaboração o fator fundamental para que pudessem fazer o que gostam: produzir artesanato e viajar. Nenhum dos participantes da entrevista possuía cadastro na SUTACO. Relataram histórias de viagens e de situações difíceis no percurso da vida. Por se tratar de pesquisadores nordestinos, mencionaram algumas praias e localidades pelas quais já haviam visitado nesta região

Outro grupo observado são os imigrantes. Apesar de início, dispor-se apenas de percepção superficial, foi possível identificar similaridades de traços fisionômicos, cabelos, cor da pele e formas de se comunicar, constatando que muitos daqueles trabalhadores provinham de países da América Latina. De forma complementar, foi relatado por vários comerciantes e um fiscal a respeito da concentração de equatorianos que estava crescendo bastante desde início de 2018. Com o passar dos dias de observação percebeu-se que era possível identificar este público pelos produtos que vendiam. Eram sempre os mesmos produtos: artigos de lã e pulseiras.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O crescimento no número de equatorianos na região foi considerado por duas artesãs (que produziam colares) como revoltante e maléfico para seus negócios. Elas relataram casos de conflito entre equatorianos e alguns artesãos locais, além de denúncias quanto ao suborno de fiscais, falsificação dos registros e máfia organizada. Afirmam saber de um líder que estava prometendo trabalho e trazendo os equatorianos para o Brasil, taxando os produtos vendidos e colocando-os em situações precárias de sobrevivência. Estas comerciantes revelaram terem certeza que os equatorianos possuíam um sistema de comunicação que facilitava a informação de quando a fiscalização da SUTACO estava se aproximando. São um público de difícil aproximação, muito desconfiados para com as perguntas realizadas, certamente temiam que a possibilidade de serem perguntas para fins de fiscalização, embora fossem informados sobre o caráter científico das perguntas, para fins de estudo e reflexão. Após reiteradas tentativas de aproximação conseguiu-se saber que muitos destes equatorianos moram juntos num mesmo prédio.

Tais exemplos proporcionam base para reflexões sobre os esquemas coletivos de organização destes agrupamentos de trabalhadores neste território. Do ponto de vista conceitual a relação entre o trabalho e a sociabilidade já vem sendo consistentemente abordada por experientes pesquisadores ao buscarem interpretar nesta relação o desenvolvimento de cadeias sociais que integram “redes de interdependência sem a mediação de instituições específicas” (CASTEL, 2010, p.48); ou “solidariedades que vêm do reconhecimento da situação do outro (SPINK, 2009, p.231); ou ainda “produções culturais de resistência política a partir de práticas contra hegemônicas” (GIRALDO, 2017, p.16); para citar apenas contribuições de autores com os quais já dialogamos neste texto.

4. À guisa de conclusões parciais

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No presente estudo a prioridade não recai em discussões conceituais, mas antes em apresentar relatos de experiências num contexto territorial específico que contribuam para discussão sobre os processos organizativos que caracterizam o dia a dia de trabalhadores que atuam na economia informal. Desta forma, objetivou-se uma aproximação das reflexões que Peter Spink desenvolve sobre a *nanoeconomia*, ou seja, a “batalha cotidiana para criar possibilidades de [...] sobreviver e de garantir a sustentação familiar” (SPINK, 2009, p. 231).

Numa consideração sintética sobre a experiência desta pesquisa evidencia-se a inconveniência, já relatada por Spink (2009, p.238), do termo *informalidade* para as atividades práticas dos trabalhadores observados. Ao percorrer as calçadas, observando situações de trabalho e dialogando sobre os processos organizativos das “profissões ignoradas” (SATO, 2011), consideramos a necessidade de sobrevivência (individual ou familiar) imanente ao “agenciamento prático da vida cotidiana” (TELLES; HIRATA, 2007, p.177) destes trabalhadores, o que pareceu-nos influenciar em sua saúde física e mental.

Importante destacar que as reflexões aqui apresentadas sobre as situações que envolvem as atividades de trabalho e de sociabilidade destas pessoas não tem o sentido de indicá-las como estatisticamente representativa dentre tantos trabalhadores informais em atuação no contexto latinoamericano. Nem a intenção de modificar as generalizações teóricas sobre a atual complexidade do mundo do trabalho. Mas antes, convém resgatar as indicações de Stake (1999, p.14) quando considera que um estudo em profundidade pode “incrementar a confiança dos leitores em suas generalizações”. O contexto da Avenida Paulista pode ser entendido como um caso, o qual serve para pensar outros casos dentro da América Latina, abrindo espaço para reflexão e críticas quanto ao que envolve os processos organizativos do trabalho informal neste espaço.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Ainda segundo o mesmo autor, “a riqueza do estudo de caso reside no fato de o caso estudado servir de contraponto para se examinar outros casos” (ibid, 1999, p. 15).

Importante também não cair no erro crítico de naturalizar ou romantizar as situações de precariedade do trabalho “informal” observadas nas calçadas da Avenida Paulista. Apesar de consistirem em “situações de trabalho que envolvem criatividade associada ao esforço de sobrevivência” (SATO, 2011, p.233), são táticas de ação que refletem condições de vulnerabilidades sociais e econômicas, as quais estão, atualmente, em crescimento no cenário brasileiro revestidas, muitas vezes, de um discurso do empreendedorismo.

Definir alguma conclusão parcial, termina a apresentação indicando que a concretude das práticas cotidianas aqui mencionadas colocam em evidência os conflitos vivenciados por milhões de trabalhadores que atuam em condições desgastantes de precariedades e, ainda assim, precisam manter esperanças de sobrevivência em suas potencialidades de agir enquanto indivíduos isolados ou em coletivos mais ou menos organizados.

Finalizamos convidando o leitor a refletir a organização tática e territorial dos trabalhadores informais observados neste estudo a partir das expressões artísticas de Paul Klee (1879 – 1940). Trata-se de um desenhista, pintor, poeta e músico alemão, mas que viveu na Suíça, e foi vanguardista na arte expressionista de sua época. Pesquisador sobre a teoria das cores e das formas geométricas, Klee buscava em suas obras experimentar o equilíbrio e a organização dos elementos pelo jogo do movimento. Admirador da natureza, embora desenvolvesse uma arte abstrata, investigava a função da forma para além de sua aparência estrutural. Em seus “ritmos das linhas e planos” (KLEE, 2014, p.4) o movimento de assimilação recíproca nas composições de Klee prioriza transmitir o motivo e não uma forma final estanque e determinada. Afirmava

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

que “cada estrutura deve encontrar o seu lugar adequado” (KLEE, 2014, p.7), que “o movimento é o dado essencial, é a base do futuro”.

O enfoque deste autêntico artista sobre questões como forma, organização, equilíbrio, função e movimento nos impulsiona a ousar paralelo semântico de sua obra com os processos organizativos dos trabalhadores observados no presente estudo, interpretando tais processos como uma configuração viva de arranjos sem forma definida. Interpretação que se distingue da ausência de forma, ou do trabalho informal, termo tão comum dentre estudos de diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, caberia a nós pesquisadores, mais do que problematizar ou definir a estrutura deste campo do mercado de trabalho, mas sim, concentrarmo-nos nas funções que movimentam as múltiplas atividades profissionais cujo funcionamento não se restringe às regulamentações formais de contratação.



Klee, Paul. *Intenção*, 1938.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

5. Referências

AGIER, M. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. São Paulo/Maceió: Ed. Unesp/Edufal, 2015.

ARANTES, A. A Guerra do Lugares. Sobre Fronteiras Simbólicas e Liminaridades no Espaço Urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 23, p. 191-204, 1994.

CASTEL, R. **As metamorfoses da Questão Social: Uma Crônica do Salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. (Vol.1. Artes de Fazer). Petrópolis: Vozes, 2014.

GIRALDO, C. **Economía Popular Desde Abajo**. Bogotá: Ediciones Desde Abajo, 2017.

HERZFELD, M. Fronteiras / nódulos / agrupamentos. In: HERZFELD, M. **Antropologia: prática teórica na cultura e na sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 172-193.

ILO - International Labor Organization. **Women and men in the informal economy: a statistical picture** (third edition) / International Labour Office – Geneva: ILO, 2018.

KLEE, P. **Confissão criadora**. Rio de Janeiro: Editora Expresso Zahar, 2014.

SATO, L. Psicologia e Trabalho: Focalizando Profissões “Ignoradas”. In: **Psicologia Social e seus Movimentos**. Universitária UFPE, 2011, p. 233 – 253.

_____. (2017). Diferentes faces do trabalho urbano. In: COUTINHO, M.C.; BERNARDO, M. H.; SATO, L. (orgs). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SPINK, M. J. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.1, p.7-14, jan/abr 2007.

SPINK, P. K. Micro cadeias produtivas e a *nanoeconomia*: repensando o trabalho decente. **Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho**, 12(2), p. 227-241, 2009.

_____. A forma do informal. **Psicologia & Sociedade**, n.4 (7), p. 99-107, 1989.

STAKE, R. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 1999.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

TELLES, V. da S.; HIRATA, D. V. “Cidade e Práticas Urbanas: Nas fronteiras entre o ilegal, o informal e o ilícito”. **Estudos Avançados** n. 21 (61), 173-191, 2007.